

A CHRYSALLIDA

Periodico da Mocidade Estudiosa do Lyceu Cuyabano

REDACTOR CHEFE:--Martins de Oliveira

COLLABORADORES:--Diversos

N. 1

Cuyabá, 29 de Abril de 1926

ANNO I

A Chrysallida

Agora é a incubação na chrysallida: idéas que se concebem, esperanças que se formam, sonhos que nascem occultos nos casulos dos corações.

Depois, será a nympha desabrochando numa borboleta irriante, espanejando o pó lucido das azas sobre as flores campestinas. Serão os pensamentos a brotando dos espiritos, polvilhando as almas de luz...

Moços estudantes! Vós que sois o luzeiros do futuro, é tempo! vinde logo inocular no alveolo as vossas aspirações!

Quanto mais cedo se principia mais ligeiro se alcança... é tão longo o caminho da glória!

E' preciso desde a infancia servirmos o Brasil, clareando o com os raios da nossa alvorada!

—Como?

—Preparando-nos para as lides do porvir: estudando, afluindo a penna, amolando a espada para a defeza, trabalhando sempre!

Mostrando que jovens ainda, já nos empolga o desejo de sermos uteis, de marcharmos com a civilização, de subirmos a escadaria do progresso.

E Hugo ou Napoleão, Voltaire ou Ford—poeta ou guerreiro, escriptor ou industrial— todos, todos os homens precisam saber manejar a penna para perpetuarem o seu estro ou lançarem proclamações aos seus soldados, pugnarem pelas suas idéas ou escudarem os seus direitos...

A penna é talvez uma arma mais poderosa que a lingua; fere e aciricia, divaga e perpetua, maldiz e glorifica.

Ora é o aculeo das vésnas

dos epigrammas, ora é como o bico de um pombó arrulando as ternuras de uma alma enamorada; ora se molha na tinta do coração para contar um sonho, um desejo, um sentimento, ora se embebe no sangue das artérias do Fausto para escrever a vigília de um sabio; ora é elia de Aretino, que se teme como uma flecha hervada; ora é de Camões, immortalizando a raça aventureira dos Vascos da Gama...

Amigos! não deixemos que o dia da necessidade nos encontre ainda desarmados.

E' a imprensa que nos dará aptidões para as luctas de amanhã.

Não desdenheis do tamanho do nosso jornalsinho... Deus sempre poz as cousas maiores nas cousas pequeninas.

Eu sempre me admirei como no calix de uma violeta ponde a natureza concentrar tanto perfume!

Se não for grande o alcance do nosso periodico, servirá pelo menos, para os noveis estrearem-se, engatinharem e desenvolvem os primeiros passos na senda escabrosa das letras.

A vós, pois, meus collegas; a vós que tivestes o grande espelho em Ruy Barbosa; a vós também, minhas gentis amiguinhas do Lyceu, que recebeis os exemplos de Albertina, Gilka, Julia Lopes... a vós um appello ao concurso de vossas intelligencias.

Vinde, vinde todos depositar n' "A Chrysallida" o sonho virginal de vossos corações e esperae que a evolução opere a metamorphose da borboleta mysteriosa do futuro...

Déo.

Uma descoberta extraordinaria

Sentados á meza dum café, três rapazes discutiam amigavelmente, quando um delles, que se dedicava aos estudos de archeologia, começou a contar que na sua ultima *investigação*, descobrira vestigios de ter sido Adão o inventor dos primeiros adobes. E dizia que Adão cansado de constipar-se embaixo das arvores, pela influencia dos ventos, resolveu construir uma casa; para a construcção da casa elle inventou os adobes... etc. Mas, um dos ouvintes, achando que os estudos do seu amigo iam adiantados, ousou uma observação: Meu amigo, não duvido dos seus conhecimentos, mas para o fabrico dos adobes, seria necessaria a forma e para se fazer a forma, seria preciso o uso de laminas de ferro ou aço, metaes naquella epocha desconhecidos.

O archeologo, vendo-se assim por terra, ainda tentou salvar-se com esta razão: Os meus estudos, porem, provam que Adão construiu as suas fôrmas de adobes, não com laminas de ferro ou aço, mas, com... canivete. *Tablequ!*

Zig-Zag.

IRMÃOS MIRAGLIA

Jóias e relógios

Telephone, 244

Rua 13 de Junho, 104

O cahir da tarde

Tardinha. Veem-se ao longe os montes dourados pelos últimos raios do sol.

Os pegureiros cantam as rudes trovas, pastando o rebanho, que passa mugindo à borda da erma estrada, voltando para o redil amado. Nas cercanias, num logar sombrio, suspiram ao rô-las tristonhas.

As andorinhas em festa, voam além dos bosques umbrosos, à procura de horisquites novos. Silvam as cobras, triuam o passarinhos e piam as uinhambús tristonhas, sob as nuvens.

As florinhas selvagens reabrem-se e a brisa fresca traz-lhes o aroma. Vae-se o rei dos astros, desmaiando entre as espessas nuvens.

Atravez das montanhas alcantiladas, no límpido céu, surge a pallida donzella meiga e pura. Num regato, que distanz desliza placido, reverbera a pallidez da lua nas suas águas crystallinas.

A olente brisa baloíça, lentamente, as ramagens aclaradas pelo luar.

A lua magestosa e altiva, vae subindo no céu brandamente, indo pairar no extremo horisante Mirabile visu!

Sotsab.

Vulcão em erupção

Oreste Miraglia, mavioso poeta do bando dos novos, que fez na árvore sempre verde do amor, o ninho florido e perfumoso do seu sonho, em breve publicará o primeiro livro de versos que intitulou: — "Os meus vinte annos".

Na escala mais ampla da harmonia e do sentimento, este talentoso joven o compz com a alma cheia de músicas celestes.

A obra é dividida em series e, enquanto que em "Alma simples" tem sussurros de brisas apalmando a folhagem, enquanto que em "Voz interior", o bardo soletra os mysterios da natureza e da vida, torna-se em "Vulcão em erupção", como um leão indignado.

Teremos o prazer de apresentar ao publico, pelo nosso jornalsinho, toda esta ultima serie, inedita, e cujo soneto-prologo, jubilosos estapamos hoje.

VULCÃO EM ERUPÇÃO

Para esta série ter, à beira do infinito,
Muitos annos ficou meu louco pensamento,
Ligeiro como um raio e como um tigre atento,
A colher dos trovões a voz e o rude grito.

Quando já farto, veio... E grãos de firmamento
E vozes de trovões poz-me no peito aflito.
Depois, entre tufões andou, e de granito,
Poz-me mais tarde n'alma a coragem de um vento.

Isto guardei em mim como um tesouro antigo,
Que do meu coração, outrora ingenuo e amigo
Fez um ninho de brasa a pássaros de chama.

E hoje, como um vulcão, minh'alma explode e clama,
E nos versos que outrora amor depunha, lança:
Fogo cor de rancor, lava cor de vingança.

Oreste Miraglia.
(Do Grémio Castro Alves.)

Scena de lucto

Triste e pensativo, contemplava o cahir da tarde, num desses dias calmos e serenos de verão.

A luz vacillante e pallida do crepusculo, que clareava a terra um tanto agonizante, ia aos poucos se extinguindo, até que de subito sou o toque lento e melancholico do sino, annunciando a Ave Maria.

Eis que neste momento, em que tudo é respirado pela nossa alma com tristeza e saudade, uma pobre menina, humildemente trajada, perambulava pelas ruas da cidade, à procura d'um coração caridoso, que lhe desse uma esmola, afim de leva-la á sua mãe, gravemente enferma.

Com uma voz balbuciante de quem teme alguma coisa, estava a menina pedindo, enquanto alguns transeuntes chamavam-na exploradeira.

E quando ella poudo comprar um pouco de leite, voltou alegre para o seu lar, porém, não mais encontrou sua mãe. Oh! cruel fatalidade!... Com a mão na cabeça, poz-se a gritar na janella, olhando fixamente para o céu, como que pedindo a Deus, que lhe permittisse encontrá sua mãe.

A rua achava-se deserta, movimentada pouco antes pela passagem dos operários, que voltavam dos seus trabalhos quotidianos.

De modo que gritava repetidamente em vão, só ouvindo o eco, que atráiz de um monte repetia os seus lamentos.

E pensava ella triste: como desapareceu minha mãe?... Será que uma audaciosa mão pretendeu rouba-la ou o capricho da sorte não hesitou deixar uma orphã isolada e miseravel neste mundo.

Então, ella com as mãos erguidas sobre o peito e de joelhos orava a Deus, pedindo que se estivesse sua mãe na terra, fizesse a voltar novamente para junto de si; e se, ao contrario, estivesse na vida sobrenatural, que permittesse com ella no Paraíso. No outro dia antes da fatal hora, em que só sahiram de seus olhos e de sua bocca lástimas, ella fazia inerte num caixão.

O sol já se ia escondendo no poente; reinava um silencio immoto na cidade. No céu começaram a apparecer as primeiras estrellas. Era noite.

Rogério:

A Primavera

de
Antonio Abdala Herane

Fazenda, calçado, miudezas;
sortimento novo por
PREÇOS BARATÍSSIMOS

Rua 13 de Junho, 100

CONFIDENCIA

Uma tarde preguiçosa e limpa de verão quando o bruxo-lear vespertino dos últimos raios do sol agonizante ainda banhava com a sua luz crepuscular os montes mais altos, experimentei uma emoção que, mesmo hoje, faz com que eu volte a vista para esse passado que já vai distante. Mas, que ainda me traz saudade. Scismava, olhando a face empalidecida da lua, que começava a surgir placidamente no horizonte mudo, quando fui despertado por uma leve mão que me pegando na cintura indicava que me abaixasse, pois, queria falar-me aos ouvidos. Não sem duvida um enviado secreto de uma dessas creaturas ideneas que levam a gente, certos momentos, ao presencio dos impossíveis e me falava talvez nos lugares onde haviam probabilidades de encontrarmos-nos, na via por onde devia me conduzir.

Fiquei um momento indeciso e, agitado o coração, batia-me no peito, como se quizesse desprender-se delle. Sonhei então com a assmada-chimérica do amor, por onde os sonhos, essas nuvens errantes que vagam pelo horizonte fallaz do pensar se agrupavam, annunciando-me a proxima tempestade de angustias passageiras e de gozos ephemeros. Comecei a subir cautelosamente a ladeira que ia ter a encruzilhada que constituia o saccario dos meus colloquios habituaes. O mais leve rumor sobressaltava-me. Aos brandos fremitos dum trovão longinquo, ergui os olhos á amplidão; a lua havia-se occultado numa nuvem e apenas algumas estrellas com seu clarão lido vacillante, reverberavam no infinito quaes diamantes scintillantes a enfeitarem o sideréo azul do firmamento. Chegado ao local indicado, senti-me numa pedra, sob a copa plúreos d'uma arvore e inquieto procurava ver se de facto estava só. Derepente ouvi as harmoniosidades de uma voz que, emanando de uns rossos labios, me echoou nas dobras do coração, operando um movimento brusco em meuser. Puz-me em pé. — Dada a contra-senha aproximei-me, passando com rapidez

o espaço que comprehendia de uma á outra arvore e onde a tibbia claridade lunar dava a apparencia de um enorme lençol branco estendido naquella parte do solo. E alli em linguagem da terra fallamos das coisas do céu, interrompidas de vez em quando pelos suspiros, que misturando-se ao ciclar da brisa, perdia-se ao longe na vastidão campesina. Tremula e fria disse-me, tomando uma resolução: disponho-me a ir... e fallou-me no Hymeneo. Após alguns momentos resolvi descer definitivamente, cedendo ao imperio das aggravantes e mesmo para evitar que me avisassem as dozes reminiscencias. Quando voltei ao estado normal, sentia um vazio no coração, o pallio amêroso havia desaparecido com todos os seus attrativos e o sol das illusões morrido.

«Uma estrelinha que vaga
Em céu de inverno se apaga»
«Faz a noite mais escura»

Cuyabá, 6-4-926.

Nés.

Grémio Castro Alves

Perante escolhida assistência, realizou-se domingo último na sede do "Centro Matogrossense de Letras", ás 2 horas da tarde uma sessão especial do Grémio Castro Alves.

Constituiu o seu programma: na posse da nova directoria que há de guiar, no corrente anno, os destinos da novel agremiação; e na entrada para o Grémio do novo beletrista snr. Manoel Bonifacio Nunes da Cunha.

Presidiu a essa sessão o dr. José de Mesquita, ladeado pelos srs. prof. Isac Póvoas presidente efectivo do Grémio e do historiador João Barbosa de Faria, membro do «Instituto Historico de Mato Grosso» e do «Centro Matto-Grossense de Letras».

O presidente após de haver declarado aberta a sessão e empossado a nova directoria deu a palavra ao socio Augusto Curvo Leite que leu um co to de sua lavra, merecendo o elogio geral. Depois foi conduzido á

sala nobre, por uma comissão nomeada pelo presidente, o sr. Bonifacio Cunha que pronunciando um magnifico discurso, em belo estilo e palavriado colorido e filente, teceu o elogio do seu patrão Aquilino do Amaral.

A seguir falou o socio Celestino Pina que fôra escalado para receber o novo socio e muito applaudido pela altura dos seus pensamentos e orientação do seu discurso.

E no final de algumas poesias recitadas pelos autores, e antes de declarar encerrada a sessão, o presidente, com poucas palavras, mas animadoras e cheias de conselhos, mostrou o contentamento de que se ahiava possuido, dizendo que o Grémio não é mais uma promessa a realizar-se, mas sim, quasi realizada.

Aos jovens do Gremio os nossos votos de longa vida prosperosa.

O.

Chaker Mikui

Vende a preços modicos

Fazenda, armarinho, artigos de moda etc.

Rua 1. de Março, 19

CASA MINERVA

VENDE BARATO

Artigos novos: fazenda, mindezas, calçado, chapeo gravata, &

Hid Irmão

CASA ALCIBIADES CALHÃO
Rua 1. de Março n. 9
TYPOGRAPHIA
trabalho nitido, rapido e barato

Ferragens, Papelaria e Mindezas.

A CHRYSALLIDA

Publicação quinzenal - Redacção: Rua 1.ª de Março 20

Preço de um numero: 300 réis.

Chamuscada Literária

(APRESENTAÇÃO)

Pelo título, leitor, bem vêes
o que vais ler.

«Chamuscada», diz Candido de Figueiredo, «é o bolo feito de massa não bem levedada e assado ou crestado na porta do forno enquanto este arde». Eu sou um chamuscador literário! Os meus escritos, ou antes, as idéas que vou pondo e externando nesta seção, não são mais que chamuscadas literárias. Elas não têm levedo (senso) e muito pouco são crestadas na porta do forno semi-apagado do meucérebro. Por isso nada valem.

Um poeta, um escritor para fazer uma obra de arte, bem polida e bem acabada, pensa. Pensa muito.

Eu não penso. Chamusqueio, apenas, as idéas que me importunam e amolam a calma.

O pensamento do poeta, como um pescador oceânico, corre pelo infinito, por esse mar de pedrarias luminosas em busca de pérolas. Apanha a idéa e aligeiro como a luz, tral-a ao cérebro que é a oficina da erudição e do talento; éstes, que fundaram sociedades quando o homem veio ao mundo, espánejam-n'a da poeira azul do firmamento; lavam-lhe o rosto com luz e arte; dão-lhe banho de arômas; vestem-n'a (como eu me visto nos dias de festa), põem-lhe jóias caras, sapatos finos, meias cor-de-carne (mas não lhe cortam os cabelos «à la garçonne» porque é feio.) E para melhor apresentarem a suaprotegida nos salões e nos bailes das idéas, passam-lhe carmin nos lábios, pó de arroz no rosto e penteiam-n'a como rainha. E por fim quando se acha pronta a entregá-la à vontade, que, pondo-a no carro dos sentidos e dos membros, leva-a ao papel que será o seu palácio imperial se prestar e o seu túmulo se for ao contrário.

A Cascata de Harmonia

Ao excelso violonista
Levíno A. da Conceição.

Cégo, facteando as mãos p'r sobre as cordas tesas,
Desabrocha a harmonia em límpida cascata
De sonoros crystaes, de pepitas, de prata,
De amethystas, rubis e perolas accesas.

E' a crsyallização de lágrimas reprezas
Que tu' alma de artista e soffredor recata
E no leito do sonho a ampla coudal desata
Gargalhando alegria ou gemendo tristezas.

Ouvem-se murmurar nestas cordas afflictas:
Preces e maldições, saudades infinitas,
Beijos vertendo sangue e soluços em côro...

Tudo: colera e amor, desenganos e anseios,
Bençãos, consolações, suspiros e gorgeios,
Tudo, jorra a cantar do teu violão sonoro!

Martins de Oliveira.

O meu pensamento não tem
destes trabalhos e preocupações.

Ele não se arroja pelo espaço a procura de idéas, antes as idéas é que se arrojam para visitá-lo.

Tudo aquilo acontece aos que escrevem.

A mim não! Porque não escrevo, chamusqueio idéas. Conforme elas vêm chegando, o talento (porque erudição não tenho) trata logo de se livrar dessas visitas catulosas, enviando-as à morada, quer dizer, ao túmulo.

Eis a minha apresentação. Tens nela, bom leitor, o meu pensar, o meu agir e o meu retrato (tirando o rosto que é meus feio).

Por isso, se não fores capaz de me engulir (de certo que meus trabalhos e não o meu cor-

po) não leia as minhas chamuscadas. Não faço questão! Mas, se acaso com um grande esforço, poderes tragá-las, aconselho-te que compres um litro de mostel para que a massa e o conteúdo desçam com menos dificuldade.

Até outra vista!

Cel. William Pachá.

Pensamentos

Cada bora perdida na
mocidade é uma probabilidade
de desventura para
o futuro.

Napoleão.

Aquelles que exitam
nunca fazem carreira

Idem.